

# Vivências da Infidelidade Conjugal Feminina

Débora Lago de Sousa<sup>1</sup>

Rosita Barral Santos<sup>2</sup>

Thiago de Almeida<sup>3</sup>

## Resumo

*A infidelidade provoca as mais variadas emoções e reações entre parceiros que a vivenciam. O presente estudo busca compreender significados da infidelidade para mulheres que já foram infiéis na relação conjugal. Este estudo utilizou o método qualitativo de pesquisa, e o instrumento de coleta de dados foi entrevista semi-estruturada. Participaram desta pesquisa cinco mulheres com faixa etária variando entre 30 e 38 anos. A análise dos resultados propiciou a estas categorias: 1) A frustração e a insatisfação na relação conjugal; 2) O envolvimento emocional como justificativa para a infidelidade; 3) A dupla moral sexual; 4) A culpa e o arrependimento pela infidelidade; 5) O prazer na relação extraconjugal; 6) A infidelidade culminando na separação conjugal. Os resultados evidenciaram que a insatisfação dessas mulheres com seus relacionamentos e o fato delas encontrarem em outros homens atributos que não eram percebidos em seus parceiros, as levam a um novo envolvimento afetivo-sexual. Também foi relatado o sentimento de culpa em função da discriminação e do julgamento que a sociedade faz com as mulheres infiéis. Os conhecimentos dos significados da infidelidade apontados nesta pesquisa podem ser úteis ao campo da Psicologia para auxiliar na vivência destas mulheres, contribuindo para a maior compreensão das relações.*

**Palavras-chave:** Infidelidade; casamento; relações homem-mulher; amor.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) de Vitória da Conquista, BA.

<sup>2</sup> Psicóloga, mestre em Psicologia, professora e coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) de Vitória da Conquista, BA.

<sup>3</sup> Psicólogo (CRP 06/75185). Mestre pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e doutorando do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Site: [www.thiagodealmeida.com.br](http://www.thiagodealmeida.com.br) - (Instituto de Psicologia da USP - Departamento de Psicologia Clínica)

## ***Experiences on Wive's Infidelity***

### **Abstract**

*Infidelity brings about strong emotions and reactions among partners who experience it, feelings like surprise, disappointment, low self-esteem, depression, anguish, guilt, anger, suicide and passionate crimes. The present study tries to understand infidelity's meanings for women who have been unfaithful in conjugal relationships. This study utilized a qualitative research method and the data collection instrument was a semi-structured interview. Five women with ages ranging from 30 to 38 participated in this study. Data analysis provided six categories: 1) frustration and dissatisfaction in relationship; 2) emotional involvement as justification for betrayal; 3) Double sexual moral; 4) Guilt and repentance for betrayal; 5) Pleasure in extra conjugal relationship; 6) Betrayal leading to separation. The results have shown that dissatisfaction with the current relationship and finding in other men attributes not found in partners led these women to a new emotional involvement. Guilt feeling related to discrimination and society's judgment was also related by the participants. The knowledge about the meanings of infidelity pointed in this study can be useful to Psychology in order to help in these women experiences, as well as contribute to a greater understanding of conjugal relationships nowadays.*

**Keywords:** *Infidelity; marriage; man-woman relationships; love.*

*"No adultério há pelo menos três pessoas que se enganam."  
(Carlos Drummond de Andrade)*

### **Infidelidade: entendimentos preliminares**

A infidelidade provoca as mais variadas emoções e reações entre parceiros que passam por essa experiência como surpresa, desapontamento, dúvidas sobre si, rebaixamento da autoestima, angústia, culpa, raiva, vingança, negação, e, em casos mais extremados, suicídios e crimes passionais. Para Drigotas e Barta (2001) a infidelidade pode ser definida como uma "violação das normas dos parceiros que regulam o nível emocional ou da intimidade física com pessoas fora do relacionamento" (p. 177). Pittman (1994) define a infidelidade como uma quebra de confiança ou como o rompimento

de um acordo, e nos coloca que há vários tipos de infidelidade. Dessa forma, a infidelidade pode ser sexual, emocional, ou até, ambas. A infidelidade sexual é qualquer comportamento que envolva um contato sexual, como beijar, toques íntimos, sexo oral ou quaisquer outros tipos de relações sexuais, entretanto, a infidelidade emocional é definida pela formação de um vínculo emocional e afetivo por uma terceira pessoa.

Na verdade, a ideia de fidelidade para a espécie humana não é uma lei natural, isto é, os seres humanos não são monógamos por natureza, mas devido a condicionantes culturais tais como religião, moral, etc. Entretanto, dizer simplesmente que a fidelidade não é natural é meramente querer dizer que a infidelidade o é, e não acrescenta nada ao que já se sabe sobre este assunto. Tanto uma como a outra são naturais, dependendo da pessoa em questão, da sua cultura, da sociedade em que vive, de fatores idiossincráticos, dentre outros. Dessa forma, todos podemos ser (in)fiéis em determinada altura da nossa vida, depois de sermos (in)fiéis a maior parte da nossa vida. Assim, em relação à temática não há uma polarização absoluta.

Scabello (2006) discorre sobre uma visão filosófica e relaciona a infidelidade associada ao foro íntimo do parceiro que se engaja pelas sendas da infidelidade. Por este prisma, fidelidade para a autora vincula-se à verdade, logo, fidelidade seria ao amor que se sente pelo próprio ideal almejado e não ao amante. Neste sentido, a fidelidade não corresponderia à exclusividade entre os componentes do relacionamento.

No entanto o que, muitas vezes se observa, é que quando um casal estabelece um vínculo amoroso ou mesmo afetivo-sexual, traz para o relacionamento, uma espécie de acordo inconsciente que funciona com um fundamento para o que será delineado como uma vida a dois. Embora muitas vezes, os parceiros concordem automaticamente com este “contrato” implícito, este se consolida na vida concreta a partir de uma, por vezes, extensa negociação que os componentes desse casal constroem desde os primeiros encontros. Essa negociação acontece e se atualiza na medida em que diversas situações surgem no relacionamento /.../ Ao término da paixão, e/ou quando esta se transforma em amor, e o nível de investimento potencialmente se diferencia, é preciso reprimir os impulsos (que relativizam o nosso compromisso de exclusividade ao relacionamento atual) para tentar garantir o que chamamos de fidelidade.

Bundt (2007) afirma que a noção de fidelidade nasceu em função do sistema patriarcal, no qual a finalidade era garantir aos homens a paternidade dos filhos. O autor baseou seu estudo por meio da arte cinematográfica, os filmes relatam sobre a infidelidade feminina, e a monogamia, pois o cinema é uma forma de reflexão sobre a sociedade. Ainda para este autor a

moral da fidelidade é dupla, de tal maneira que, quando você está sendo fiel à pessoa com a qual você se relaciona sem que seu desejo esteja direcionado a ela, você estaria sendo infiel a si mesmo, ou então, você pode optar por ser infiel, mas sofrerá as consequências pelo ato. Sendo assim, tudo levaria o ser humano ao experimento, dado ao conjunto de desejos e variedades de se viver e de se relacionar consigo e com o outro. Em contrapartida, para a sociedade, a infidelidade no sexo masculino é culturalmente mais aceita e quase “estimulada”, encontrando justificativa por meio do instinto masculino, no desejo (Vavassori, 2006).

### **Participação feminina na sociedade: breve histórico**

Esta cultura que privilegia o sexo masculino, a sociedade patriarcal, nasceu no berço da civilização, a Mesopotâmia, no Oriente Médio e muito da sua historicidade está relatada na Bíblia. Abraão, personagem bíblico, representava um típico patriarca. Para ele, a mulher era um elemento inferior, impura, não podia participar do sacerdócio, pois era uma atividade exclusiva do homem, nem podia frequentar o templo. Para a sociedade patriarcal a mulher era posse do homem, propriedade particular, como os animais e servos (Nunes, 1987).

Os gregos também foram de grande influência para a sociedade ocidental, eles concebiam a sexualidade à luz de seus credos sociais, religiosos e seus conhecimentos mitológicos. Para os gregos, a mulher pertencia ao marido, e dela ele exigia exclusividade sexual, enquanto para ele não acontecia o mesmo, mais bem ilustrado nas palavras de Foucault (1984): “Pois se a mulher pertence ao marido, este só pertence a si mesmo” (p. 130). No entanto, ainda que a cultura concebesse uma isonomia de ‘igualdade’ de direitos entre mulheres e escravos, excluindo-os das decisões da polis, na Grécia Antiga, as mulheres exigiam e reclamavam a fidelidade dos maridos e lutavam por um amor verdadeiro. Foucault demonstra isso na passagem:

Existem muitos testemunhos que mostram o valor que se atribuía à beleza da esposa, à importância das relações sexuais que se podia ter com ela ou à existência de um amor recíproco. [...] A separação radical entre o casamento e o jogo dos prazeres e das paixões não é, sem dúvida, uma fórmula que possa caracterizar convenientemente a existência matrimonial na Antiguidade (Foucault, 1988, p.135).

Nesta cultura patriarcal, as diferenças existentes na educação entre mulheres e homens, são percebidas desde a infância. Cuidar do marido e do

lar é o seu dever, de forma a permanecer sempre à disposição para os filhos e o esposo, ao qual ela deve manter exclusividade sexual. Ao marido cabia cuidar do lar financeiramente, ele podia desfrutar da liberdade sexual fora do casamento. Esta estrutura familiar patriarcal reforça o machismo, onde o homem mantém uma relação de dominação e poder com relação à mulher, ridicularizando, inferiorizando-a e usando até de violência (Nunes, 1987).

Segundo Heilborn (2006) a forma como cada cultura considera adequado o uso dos corpos diz respeito às ideias dominantes na sociedade em cada momento histórico. No contexto histórico do século XIII, o casamento não era indissolúvel. Existiam algumas condições nas quais ele poderia ser desfeito, como no caso da esterilidade, de uma guerra entre antigos aliados, ou em caso de incesto, a bigamia era normal. Porém, a igreja disseminava as ideias dominantes e compõe seu conjunto de princípios sobre o matrimônio, onde a regra era a monogamia, excluindo assim a bigamia.

Um novo ideal de casamento se configura aos poucos no Ocidente e a presença do erotismo extraconjugal passa a fazer parte do casamento, o amor e a paixão começam a ser vistos como modelo para os relacionamentos amorosos. É somente a partir desse momento que as pessoas passam a se casar por amor.

Almeida, Rodrigues e Silva (2008) defendem ainda que a infidelidade seja conjugal ou de outra natureza esteja relacionada ao ciúme como fruto de uma profecia autorrealizadora, já que muitos dos nossos comportamentos são longamente influenciados por normas ou expectativas, que têm finalidade como diretrizes para nossas atitudes. Profecia autorrealizadora são crenças capazes de exercer influência sobre aqueles que nela creem ou temem. Em outras palavras, modeladoras do nosso comportamento ou do outro a partir das expectativas positivas ou negativas que a subsidiam, e no caso dos relacionamentos amorosos, fariam com que influenciassem, ainda que sutilmente, o comportamento do parceiro, aproximando-os de outras pessoas que anteriormente lhes passassem despercebidas. A infidelidade ocorreria então em função da hostilidade cumulativa dirigida ao parceiro que é tido como suspeito de traição. O ressentimento abre um possível caminho para uma relação paralela em que a compreensão e o respeito estejam mais presentes.

Bundt (2007) afirma que a ideia de fidelidade nasceu em função do sistema patriarcal, no qual a finalidade era garantir aos homens a paternidade dos filhos. O autor baseou seu estudo através da arte cinematográfica, os filmes relatam sobre a infidelidade feminina, e a monogamia, pois o cinema é uma forma de reflexão sobre a sociedade. Ainda para este autor, a moral da fidelidade é dupla, quando você está sendo fiel à outra pessoa com a qual

você se relaciona sem que seu desejo esteja direcionado a ela, você estaria sendo infiel a si mesmo, ou então você pode optar por ser infiel, mas aguente as consequências. Sendo assim, tudo levaria o ser humano ao experimento, dado ao conjunto de desejos e variedades de se viver e relacionar-se consigo e com o outro.

Diante da história, a mulher, que sempre foi subjugada na sociedade antiga e até mesmo na contemporânea, vem lutando em busca de sua autorrealização e espaço em todos os âmbitos da sociedade. Considerando a repressão sexual desde a Idade Média, em virtude dos dogmas religiosos impostos pelo clero, onde o sexo era considerado um pecado para as mulheres quando ligado ao prazer, pois a finalidade do sexo era apenas a reprodução, quanto que para seus maridos estava ligado diretamente à necessidade fisiológica e ao prazer.

A década de 1960 vem romper com este comportamento de submissão a partir da revolução sexual, o direito igualitário ao voto, a inserção da mulher no mercado de trabalho e a descoberta da pílula anticoncepcional, os quais induziram a mulher ao sexo livre, no entanto, não a livraram dos estigmas e discriminações em consequência do seu comportamento (Braga, 2005, In Nascimento, 2008).

É a mulher quem contribui de forma eficaz para a aceitação e aprovação da lei do divórcio, propagando em todos os lares a finitude do casamento, pois viver numa relação por obrigação, cheia de tristeza, insatisfação, violência e marcada pelo insucesso, a depreciava muito mais do que viver como divorciada (Mold, 2006). O modo como a mulher vive nas sociedades ocidentais sofreu significativas mudanças, como uma maior participação no mercado de trabalho, a conquista de uma maior representatividade política, a exigência de uma maior participação dos homens nas relações familiares, é o que evidencia novos modelos femininos (Weid, 2004).

Os estudos de Glass e Wright (1985) evidenciam que as mulheres mais insatisfeitas com seus parceiros são mais inclinadas a serem mais infiéis, e são mais tendenciosas que os homens a se envolverem em aventuras emocionais relacionadas à infidelidade conjugal, o que culminou nas indagações pertinentes a este estudo: as mulheres têm se sentindo mais livres para vivenciarem sua sexualidade, ainda que seus desejos sejam condenados socialmente? Qual o significado que mulheres infiéis atribuem à infidelidade? Neste sentido, o objetivo do presente estudo é compreender os significados da infidelidade para mulheres que já foram infiéis na relação conjugal.

Este estudo torna-se relevante devido a escassez de estudos a respeito desse tema de grande importância em nossa sociedade. A infidelidade

tem um impacto psicossocial na vida do casal que muitas vezes culmina na busca pela psicoterapia, tendo, assim, a função de contribuir para ampliar a compreensão em psicologia sobre esse fenômeno. Os resultados do mesmo poderão viabilizar futuras intervenções em Psicologia clínica e outras demandas na área desta ciência.

## Método

Este estudo se caracteriza por uma pesquisa qualitativa. Considera-se o método qualitativo como adequado para a realização dessa pesquisa que se configura através de uma maior preocupação com o fenômeno, ao invés dos resultados, e busca compreender o modo como os significados são construídos (Martins & Bicudo, 1989).

O instrumento utilizado para a coleta dos relatos foi uma entrevista semi-estruturada que, segundo Martins e Bicudo (1989) é percebida como um encontro social, que possui características particulares, dentre as quais é possível citar a empatia, intuição e imaginação.

Este estudo foi realizado com cinco mulheres casadas, com idade variando entre 30 a 38 anos, que já foram infiéis na relação conjugal, as entrevistadas serão mencionadas como E1; E2; E3; E4; E5 com a finalidade de anonimá-las.

As entrevistas foram realizadas na Clínica Escola de Psicologia. Foram apresentados às mulheres o Termo de Consentimento e o roteiro para obtenção de informações de dados pessoais, conforme Resolução 196/96 que versa sobre Ética em Pesquisa em seres humanos.

Após a transcrição dos relatos, estas mulheres foram submetidas aos quatro passos da análise, descritos por Martins e Bicudo (1989):

a) *Leitura integral dos relatos*; b) Realizou-se uma leitura crítica e reflexiva dos relatos, numa perspectiva psicológica; c) Agruparam-se as unidades de significados encontradas em *categoria*; d) Fez-se uma *síntese* das unidades de significado.

## Apresentação e análise dos resultados

Roteiro para obtenção de informações para caracterizar o perfil dos participantes

A partir do roteiro para obtenção de informações foi possível caracterizar o perfil das participantes.

Tabela 1-**Caracterização do perfil das participantes.**

Identificação	Idades	Estado Civil	Tempo de Casada	Escolaridade	Profissão	Religião
E.1	30 anos	Divorciada	6 anos	2º Grau	Professora	Evangélica
E.2	31 anos	Solteira	14 anos	2º Grau	Vendedora	Católica
E.3	38 anos	Desquitada	12 anos	3º Grau	Pedagoga	Não tem
E.4	32 anos	Casada	11 anos	3º Grau	Pedagoga	Evangélica
E.5	37 anos	Divorciada	10 anos	3º Grau	Administradora	Evangélica

#### - Entrevistas

Os relatos das mulheres que foram infiéis na sua relação conjugal propiciaram a construção de seis categorias de análise: 1) A frustração e a insatisfação na relação conjugal; 2) O envolvimento emocional como justificativa para a infidelidade; 3) A dupla moral sexual e as diferenças de gêneros; 4) A culpa e o arrependimento pela infidelidade; 5) O prazer na relação extraconjugal; 6) A infidelidade culminando na separação conjugal.

A seguir, serão apresentadas as análises de cada categoria:

### **1) A frustração e insatisfação na relação conjugal**

Muitas pessoas compartilham da crença de que se apaixonar é uma experiência idiossincrática e poderosa que reperspectiva suas rotinas e sub-rotinas. De acordo com Almeida et al. (2008):

No início de uma relação amorosa os indivíduos depositam nela um conjunto de desejos e expectativas que quase sempre lhes cegam parcialmente para a realidade. Mas, como pode se pressupor, a paixão é transitória, e a relação amorosa realmente começa quando se consegue sair de um aparente estado de transe e encarar a realidade tal como ela é. Então, um primeiro questionamento a ser feito se dá quando as pessoas investem em conhecer o outro (p. 87).

Esta categoria trata da insatisfação que as mulheres vivenciaram dentro do casamento. É possível observar que, em todas as falas, foram evidenciadas as insatisfações em suas relações conjugais. Isso pode ser percebido nos relatos abaixo:

O que realmente me levou a buscar uma relação extraconjugal, eu acredito que foi mais uma frustração em relação a algumas coisas da minha relação. De repente eu vi em outra pessoa algumas coisas que eu buscava em meu marido. (E4, 32 anos)

Eu o via ser muito egoísta [...] Era como se eu não existisse naquele momento só quem existia era ele independente se fosse na relação sexual ou como dona de casa este era meu papel. Na extraconjugal eu tinha uma importância diferente. (E1, 30anos)

A mulher quando busca uma infidelidade por trás desta busca dela existe uma insatisfação de sentimento. (E3, 38 anos)

Na maioria elas traem, cometem adultério por desejo de querer uma relação melhor. [...] é uma insatisfação, é uma frustração no casamento e aí ela se envolve emocionalmente. (E5, 37 anos)

No entanto, numa relação amorosa, mais dia menos dia, passada a fase de conquista dos primeiros encontros, surge o momento em que aparecem as dificuldades e os aspectos negativos dos dois lados (Feldman, 2005). Segundo Moraes (2001), no começo de um relacionamento amoroso existe a idealização, mas com o tempo este “encantamento” passa. E quando arrefece o deslumbramento da imagem que um parceiro tem do outro, uma das mais prováveis consequências pode ser a infidelidade.

Um relacionamento amoroso exige reciprocidade de sentimentos de interesse, profunda amizade e um compromisso da parte de ambos em tentar fazer o relacionamento o mais satisfatório e viável possível. Ele realiza muitas necessidades, anseios e desejos (Halpern, 1994). Como o ser humano vive numa constante busca por uma completude utópica, passamos a constantemente desejar o que não temos. E assim, uma vez dentro de um relacionamento e motivado pela falta que identifica, o ser humano parte para a busca de satisfazer o que lhe falta, seja afetivamente ou sexualmente (Larrañaga, 2000). E como pode ser observado nos fragmentos, em todas as falas existe a predominância da insatisfação, percebida como sendo uma das faltas no relacionamento conjugal, deixando espaços a serem preenchidos. Sentimentos como a insatisfação pode abrir espaço para a entrada de uma nova pessoa na relação, e esta terceira pessoa traz consigo novidades, como a sobrevalorização das qualidades e uma subvalorização dos defeitos, isto é, proporciona a comparação entre as duas relações vivenciadas, o que

acontece agora é uma renovação do que outrora parecia perdido (Almeida, 2007a). Há que se ressaltar também que o modelo amoroso romântico, que promete felicidade duradoura, tem também seu ônus de padecimentos, postergações e restrições eróticas que o indivíduo contemporâneo não estaria disposto a sofrer (Lejarraga, 2005). Portanto, gostar de uma pessoa, não garante nada, nem para nós, nem para ela (Lemos, 1994). Logo, o que se observa é que no mundo contemporâneo os ingredientes do amor romântico, como o apaixonamento, desejo sexual, enamoramento, amor e laço conjugal indissolúvel – não estão tão fusionados como outrora (Lejarraga, 2005).

## **2) O envolvimento emocional como justificativa para a infidelidade**

Quando duas pessoas decidem se unir, o fazem porque resolvem que é bom para elas tal arranjo. Somos seres gregários por natureza e ao que parece, frequentemente caminhamos ao encontro do outro aspirando por uma completude. Sobretudo, para os apaixonados, há um grande desejo de fusão. Contudo, o fato de eleger uma pessoa para dedicar uma parte do seu tempo e dos seus recursos não implica que não se possa mudar de ideia posteriormente e, possivelmente, lesar, ou romper este acordo. Ainda que cada um considere devidamente correto esperar do outro determinadas atitudes, o que acontece, não raramente, é uma decepção. Ninguém pode viver para atender a todo o momento às expectativas do outro parceiro (Almeida, 2003). Nem seria saudável pretender cumprir esse papel. Portanto, anteriormente à ocorrência da infidelidade propriamente dita acontecer, o que acontece é uma quebra do contrato por uma, ou por ambas as partes do casal. Então, ao término da paixão, e/ou quando esta se metamorfoseia em amor, e o olhar e o investimento potencialmente podem se deslocar.

Logo, essa categoria refere-se a situações dessa natureza e reporta-se à paixão, ou seja, ao envolvimento emocional nas relações extraconjugais. A maioria das mulheres entrevistadas relata o apaixonar-se por outra pessoa como justificativa para a infidelidade no relacionamento conjugal, como pode ser visto nas falas abaixo:

Para mim eu simplesmente escutei meu coração, minha cabeça e pronto não me importei com mais nada.[...] Por não gostar mais do meu marido, ter me apaixonado por outra pessoa, me apaixonei por outra pessoa (E2, 31 anos).

Acabei me envolvendo profundamente com ele (E3, 38 anos).

A infidelidade é algo que, eu penso hoje mesmo depois de ter me envolvido com alguém fiz porque estava apaixonada por esta pessoa, vislumbrada por esta pessoa (E5, 37 anos).

Em nossa sociedade a infidelidade praticamente se banalizou, e paradoxalmente se vive duas posturas: por um lado, ninguém acredita que possa ser mais uma das suas vítimas. Por outro lado, a suspeição da infidelidade está presente na vida de quase todos os casais. E a infidelidade pode ocorrer em um casamento, em um noivado, ou mesmo em namoros e relacionamentos amorosos de outras naturezas e de graus de intimidade, portanto, em todas as formas de relacionamentos amorosos contemporâneos. E o fato de eleger uma pessoa para dedicar uma parte do seu tempo e dos próprios recursos, não implica que não se possa mudar de ideia posteriormente, migrando para um novo relacionamento, ou ainda, mantendo um relacionamento paralelamente com outro em andamento. Embora isso possa nos parecer óbvio demais, continuamos a realizar rituais, como namoros e noivados, e a fazer promessas de amor eterno (Lemos, 1994). Na pesquisa de Weid (2004), também se faz referência à infidelidade pelo envolvimento afetivo por parte das mulheres devido à crença que para a mulher seria mais difícil conseguir dissociar amor de sexo. Para a mulher é bem mais fácil cair na armadilha do “amor romântico”, imaginando que aquele caso supriria todas as suas carências e, por isso, apaixonar-se pelo amante é quase inevitável (Pereira & Monteiro, 2001). Dessa forma, na maioria das vezes, acabam por se envolver com homens solteiros ou casados, comprometendo a fidelidade do próprio relacionamento.

### **3) A dupla moral sexual: dois pesos e duas medidas**

Apesar das inúmeras mudanças conquistadas desde a revolução sexual feminina relativizando 6000 anos de patriarcalismo, muitos estereótipos sobre os sexos continuam presentes. As pessoas lidam internamente com um modelo tradicional de família e de casamento, mesmo que estejam vivenciando formas vanguardistas de conjugalidade (Weid, 2004). Atitudes sexistas, como o machismo também pode levar as pessoas a serem mais ciumentas, ou ainda, mais infiéis do que outras (Belo, 2003; Matarazzo, 2001). Segundo Lillibridge (1995), embora homens e mulheres tenham casos extraconjugais, estes existem por diferentes razões. Por um lado, as mulheres têm casos, geralmente, para se sentirem queridas, especiais e importantes, para serem apreciadas como pessoas, pois, geralmente, o fator ‘sexo’ não é tão importante para elas. Por outro lado, os homens geralmente têm casos para serem sexualmente aceitos, querem uma mulher que aprecie sua aparência e os considerem sexualmente atraentes e capazes de satisfazê-los.

O modelo amoroso romântico (apaixonamento, desejo sexual, amor e

laços indissolúveis), que promete felicidade duradoura, tem também seu ônus, como as postergações e restrições eróticas que o indivíduo contemporâneo não estaria disposto a sofrer (Lejarraga, 2005). É comum acreditar que o amor seja capaz de combater a infidelidade.

O que se pode perceber nesta categoria é que a mulher procura justificar a infidelidade, pois a mesma acredita que a sua infidelidade é mais “digna”, mais aceitável, por não se tratar apenas de um desejo sexual, mas de um envolvimento emocional. Seguem os relatos:

Aí tem certo preconceito perante a sociedade pelas mulheres, os homens não influem muito, mas as mulheres quando traem elas se sentem mais é, é se sentem mais criticadas pela sociedade do que a questão do homem (E4, 32 anos).

Eu me sinto super mal por ter feito algo que é reprovado por todos na sociedade, tenho muito medo de ser julgada (E3, 38 anos).

Ela não age como o homem, o homem é infiel porque age pelo instinto, não existe muito emocional não precisa ele se apaixonar, eu acho assim que, basta sentir desejo e ver uma mulher bonita, um colo de um seio, uma bunda bem desenhada e automaticamente ele deseja aquela mulher (E5, 37 anos).

O homem trai e para ele é mais fácil ficar por ali mesmo (E2, 31 anos).

Eu acho assim que é diferente como a mulher busca a infidelidade e como o homem busca a infidelidade. O homem muitas vezes é por motivo de prazer, da não satisfação sexual (E3, 38 anos)

Consoante Matarazzo (2000), a busca do prazer sexual representa apenas uma pequena parte da motivação que leva ao comportamento infiel. Menezes (2005) complementa dizendo que muitas são as motivações que se manifestam no parceiro infiel. Portanto, há muitas motivações que encaminham as pessoas para serem infiéis umas em relação às outras e existem formas e formas para se engajar em comportamentos relacionados à infidelidade. Assim, pode-se inferir que o conceito de infidelidade amorosa pode abarcar muitas ações e situações distintas, todas relacionadas a um mesmo denominador comum: uma relação amorosa e o rompimento de compromisso de exclusividade, explícito ou não. Dessa forma, a rigor, pode-se dizer que existem tantos motivos que levam as pessoas a trair quantos sejam os relacionamentos amorosos (Viscott, 1996).

#### **4) A culpa e o arrependimento pela infidelidade**

A infidelidade pode ser uma escolha do parceiro, ou seja, ser infiel pelo

simples fato de sentir prazer ao se engajar em relacionamentos paralelos ao seu relacionamento amoroso em andamento, lesar o compromisso de exclusividade assumido e não se incomodar com o que o outro vai achar. Por outro lado, a infidelidade pode ser um fator incontrollável, ou ainda, ser um deslize por quem o comente, e com isso lhe trazer culpa em relação ao outro, variável essa que diferencia os dois tipos de parceiros infiéis. As pessoas que se encaixam em um desses “tipos”, teriam seus comportamentos explicados por motivos diferentes. A pessoa traída sente-se rejeitada, trocada, abandonada. Sua autoestima e autoimagem, pilares de toda sua “estrutura emocional”, ficam profundamente abaladas. As falas dessas mulheres, a seguir, evidenciam essa a culpa, no entanto, elas relatam uma culpa e arrependimento em função do julgamento feito pela sociedade, pelas consequências que a infidelidade lhes causara, pelo sofrimento de se sentirem julgadas. Como está evidenciada através das falas abaixo:

Mas eu me sinto super mal por ter feito o que é reprovado por todos na sociedade. Se eu fosse escolher hoje eu não trairia. Eu sofri muito, chorava e refletia muito sobre a situação ao qual eu tava vivendo (E3, 38 anos).

Então assim o que eu penso e sinto é isso: sinto arrependimento e penso que realmente não valeu a pena para minha vida[...]foram quatro meses somente para ficar por cinco anos sofrendo as conseqüências (E4, 32 anos).

Acho que quando a mulher que trai, ela não consegue viver, a consciência não deixa [...] foi o que aconteceu comigo eu não conseguir viver minha vida normal depois que eu traí meu marido (E2, 31 anos).

Segundo Scabello (2006) é comum à mulher que foi infiel se sentir culpada diante da sua infidelidade conjugal, e também muito arrependida pela infidelidade, pois isto é um ato reflexo das repressões sexuais vivenciadas pela mulher durante anos, o que as fazem sentirem responsáveis por todos os problemas, fracassos e dificuldades do casamento. Isto pode ser desvelado nas falas das mulheres após a vivência e realização de seus desejos.

## 5) O prazer na relação extraconjugal

Todas as mulheres entrevistadas deixaram perceber em suas falas uma nova perspectiva que não relaciona infidelidade apenas ao envolvimento emocional, mas também à atração física pelo novo parceiro, ao desejo sexual, ao prazer. Zampieri (2004) coloca que algumas pessoas dizem terem sido infiéis sexualmente para se vingar de fatos, reais ou imaginários que seus parceiros teriam cometido, com a intenção de lhes ferir ou de destruir o relacio-

namento, como no caso anteriormente mencionado. Há os que relatam buscar revitalizar um relacionamento de curto ou longo prazo monótono ou por curiosidade, para descobrir como seria estar sexualmente com uma pessoa nova diferente de seu parceiro (Menezes, 2005). Algumas pessoas que praticam a infidelidade, de forma similar, expressam suas reiteradas necessidades de convicção de seus próprios atrativos e de suas perícias sexuais. Segundo Almeida (2007a), relações monótonas, que caem na rotina também são convites ao adultério. Para o autor, por estes e outros fatores os cônjuges buscam aventuras amorosas porque geralmente procuram aquilo que lhes falta em seu próprio relacionamento. Uma busca pelo novo pode ser derivada de falta de afetividade ou sexo, mas não podemos dizer que seja uma causa imediata, dado que haverá sempre casos de pessoas que convivem com estas carências, por inúmeros motivos, e são fiéis aos parceiros. As falas abaixo evidenciam essas perspectivas:

Era uma relação gostosa, proibida, a gente se via nos lugares e se desejava muito, então, quando a gente podia se ter era maravilhoso e foi por isso que ele se apaixonou por mim (E5, 37 anos).

Não me arrependo por ter ficado com uma pessoa tão legal, companheira que me ama muito (E3, 38 anos).

Então a pessoa veio, eu me envolvi foi muito bom, uma experiência muito nova em minha vida, muito boa (E2, 31 anos).

Mas o momento que você está vivendo com esta terceira pessoa nessa relação é como se você tivesse realmente em outra dimensão, isso faz um bem para você é como se tivesse te satisfazendo de qualquer maneira, aquilo é o que eu quero para minha vida, isso me satisfaz (E1, 30anos).

Eu não posso negar que naquele momento foi muito prazeroso até porque eu tirei dúvidas sobre a minha própria sexualidade, eu me conheci mais como mulher (E4, 32anos).

Frente a estes recortes, pode ser evidenciado que o sexo atualmente não é visto pelo universo feminino apenas como uma forma de reprodução, mas sim, como uma forma possível de prazer.

## **6) A infidelidade que culmina na separação conjugal**

De fato, a infidelidade, incontestavelmente é um perigo a ser enfrentado pelas relações amorosas na contemporaneidade e, embora componha acordos implícitos que tentam manter o segredo acerca de sua existência, quando descoberta, não deixa de se desvelar pelo sofrimento infligindo a um ou a

ambos os parceiros. Seja em relacionamentos matrimoniais ou não, nem todo mundo que trai, ou é traído, separa-se. Quando o amor é verdadeiro e a relação é sólida, o ressentimento produzido por uma infidelidade casual, nem sempre significa a destruição da união. Contudo, em se tratando da separação conjugal, cabe destacar que em quase todos os relatos a decisão pelo fim da relação partiu das mulheres que foram infiéis, isso após a descoberta da infidelidade pelo cônjuge. Encontramos nas falas das mulheres, aspectos que caracterizam essa afirmação:

Meu ex-marido já me fez várias propostas para voltar e aí eu fico muito tentada, mas reflito sobre a situação a qual eu vivi com ele (E3, 38 anos).

Eu quis me separar do meu marido para poder assumir esta relação [...] acabei me separando e saindo de casa (E1, 30 anos).

Foi bom porque, ajudou a tomar a decisão, meu casamento já tava ruim, mas eu tava sem coragem de terminar por conta dos filhos, só que aí apareceu a pessoa, foi tipo assim, um empurrão para que eu tomasse a decisão logo de querer separar (E2, 31 anos).

Tanto que quando descobriu, o meu marido queria ficar comigo, mas eu não, porque eu não o amava, aí me separei (E5, 37 anos).

O que ficou evidenciado nestes relatos é que houve uma decisão das mulheres pelo fim da relação. Estes resultados confirmam os dados brasileiros no que se refere ao judiciário, ou à clínica psicológica, assim, também, como nos dados internacionais. A religião e a situação financeira da família afetam bastante a decisão que muitas pessoas enfrentam quanto a dar uma nova chance ao casamento ou dissolvê-lo (Menezes, 2005). Esta demanda predominantemente feminina de separação pode ser compreendida como uma das consequências da diferença da forma como a mulher vê o casamento, uma “relação amorosa”, enquanto que para os homens ele é visto como uma “constituição de família” (Féres-Carneiro, 2003).

### **Considerações finais**

Os resultados sobre os significados dos relatos destas mulheres evidenciaram um desgaste na relação conjugal, que culminaram na insatisfação pessoal e, conseqüentemente, na separação conjugal. Para elas, a separação não é somente o fim de um relacionamento, mas, a expectativa de vivenciar uma nova relação, um novo amor. Algumas vezes, o casamento não se acaba, porém a pessoa traída hesita em confiar no companheiro depois de ter sido enganada. Esta preocupação justifica-se na medida em que a confiança fundamentava-se na crença da monogamia. Dessa maneira, o im-

portante para restaurar a confiança não é fazer promessas de monogamia ou refazer promessas de fidelidade, mas fazer um compromisso de honestidade e compartilhar sentimentos (Maldonado, 1995).

É possível indicar que essas mulheres atribuam em maior grau a insatisfação como fator determinante para a infidelidade conjugal em suas relações, e sejam de fato mais propícias a se envolverem em aventuras emocionais relacionadas à infidelidade em função da falta, da insatisfação. Foi possível inferir que, mesmo se permitindo a experiência de novas emoções, a culpa ainda permeia suas vivências.

É provável que a mulher esteja em busca de uma maior liberdade sexual, há uma procura pelo prazer, seja ele de ordem sexual, e/ou, emocional, mesmo que os seus desejos sejam condenados socialmente, o que evidencia uma nova conquista na sua vida emocional. No entanto, é preciso ressaltar que essas mulheres evidenciam padrões tradicionais com formas de existir mais contemporâneas, a liberdade sexual envolta com o amor romântico.

Observa-se que seus valores pessoais ainda se encontram intrinsecamente atrelados aos valores sociais, acerca da impossibilidade de separar o subjetivo do social. Apesar da luta do sexo feminino para se posicionar com relação aos direitos de igualdade entre os gêneros a mulher ainda sofre discriminação e preconceito na sociedade por querer ser livre. Observa-se ainda que para a maioria delas não seja possível vivenciar amor e sexo separadamente. Os resultados encontrados nesta pesquisa sobre infidelidade conjugal são de grande importância em nossa sociedade, pois, se trata de um fenômeno complexo, e de estudos tão escassos, pela dificuldade que as mulheres têm para desvelar suas vivências.

## Referências

- Almeida, T. (2007a). *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. Dissertação de mestrado não publicada. Mestrado em Psicologia. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, S. P.
- Almeida, T. (2007b). Infidelidade heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos. *Pensando Famílias*, 11, 49-56.
- Almeida, T. (2003). *O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões*. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Psicologia: UFScar, São Carlos, SP.
- Almeida, T.; Rodrigues, K. R. B. & Silva, A. A. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia, Natal*, 13(1), 83-90.
- Belo, R. P. (2003). *A base social das relações de gênero: explicando o ciú-*

- me romântico através do sexismo ambivalente e dos valores humanos básicos*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Braga, M. R. (2005). *Repressão Sexual*. Sinomar Calmona: Colonismo Social. Retirado em 15/09/2007. Disponível em: <[http://www.sinomar.com.br/cs\\_180405.asp](http://www.sinomar.com.br/cs_180405.asp)>.
- Bundt, R. (2007). A moral da infidelidade. *Sessões do imaginário*, 1(18), 51-56.
- Drigotas, S. & Barta, W. (2001). The cheating heart: scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10(5), 177-180.
- Feldman, C. (2005). *Sobre-vivendo a traição*. Belo Horizonte: Crescer.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudo de Psicologia, Natal*, 8(3), 367-374. Retirado em 30/09/2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19958.pdf>>.
- Foucault, M. (1998). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1984). *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. (11ª ed.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Glass, S. P. & Wright, T. L. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12, 1101-1120.
- Halpern, H. M. (1994). *Para dar certo – Tudo o que você precisa saber sobre relacionamentos*. Rio de Janeiro: Record.
- Heilborn, M. L. (2006). Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 43-59. Retirado em 15/09/2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a04v14n1.pdf>>.
- Larrañaga, I. (2000). *O casamento feliz: respostas para que o amor acorde de cara nova todas as manhãs*. (A. A. Machado, trad.). São Paulo: Edições Loyola.
- Lejarraga, A. L. (2005). Sobre a ternura, noção esquecida. *Interações*, 10(19), 87-102.
- Lemos, P. (1994). *Educação afetiva: Porque as pessoas sofrem no amor*. (8ª ed.). São Paulo: Lemos.
- Lillibridge, E. M. (1995). *O livro do amor: como construir um relacionamento saudável*. São Paulo: Natal.
- Maldonado, M. T. (1995). *Casamento: Término e Reconstrução*. São Paulo: Saraiva.
- Martins, J. & Bicudo, M. A. V. (1989). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. (1ª ed.). São Paulo: Moraes/Educ.
- Matarazzo, M. H. (2000). *Amar é Preciso: os caminhos para uma vida a dois*. São Paulo: Gente.
- Menezes, G. B. (2005). Infidelidade: Fatores Psicológicos e Sociais na Ocor-

- rência da Traição. Trabalho de Conclusão do Curso, Faculdade de Psicologia. Centro Universitário Luterano de Manaus– Manaus: ULBRA.
- Mold, C. F. (2006). Novos olhares sobre a separação e o divórcio. *Revista CEJ*, 34, 5-10.
- Moraes, C. G. A. & Rodrigues, A. S. R. (2001). Terapia de Casais. In B. Rangé (Org.). *Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais: Um diálogo com a psiquiatria*. Porto Alegre: Artmed.
- Nascimento, J. L. A. M. G. (2008). A evolução feminista e o comportamento da mulher entre as décadas de 60 e 80 nas obras de Nelson Rodrigues e Ignácio de Loyola Brandão. *Revista espaço da Sophia*, 01(12), 1-10. Retirado em 25/09/2008. Disponível em: <[http://www.espacodasophia.com.br/colaboradores/juliana\\_l\\_a\\_m\\_g\\_do\\_nascimento\\_a\\_evolucao\\_feminista\\_e\\_o\\_comportamento\\_da\\_mulher\\_.pdf](http://www.espacodasophia.com.br/colaboradores/juliana_l_a_m_g_do_nascimento_a_evolucao_feminista_e_o_comportamento_da_mulher_.pdf)>.
- Nunes, C.A. (1987). *Desvendando a sexualidade*. (6ª. ed.). Campinas: Papirus.
- Pereira, A. & Monteiro, L. (2001). *Amante faz bem? Ou fidelidade Conjugal Faz Mal?* (Coordenação Editorial: Adriana Murin). [http://www.dominiofeminino.com.br/mulher/open\\_lovrs.htm](http://www.dominiofeminino.com.br/mulher/open_lovrs.htm)
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: a infidelidade e a traição na intimidade*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Scabello, E. H. (2006). *Desvelando a dor amorosa da infidelidade: discursos de homens e mulheres*. Dissertação de mestrado não publicada. Mestrado em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Vavassori, M. B. (2006, setembro). Mudanças e permanências: um olhar antropológico sobre as relações de gênero na cultura brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 14(2).
- Viscott, D. (1996). *Eu te amo! E aí?* (C. E. M. de Moura, trad.). São Paulo: Summus.
- Weid, O. V-D. (2004, março). Perdoa-me por te trair: um estudo antropológico sobre a infidelidade feminina. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ*, 2(1), 49-59.
- Zamperi, A. M. F. (2004). *Erotismo, Sexualidade, Casamento e Infidelidade. Sexualidade Conjugal e Prevenção do HIV e da AIDS*. São Paulo: Ágora.

### **Endereço para correspondência**

debora.lago@ig.com.br  
rositabarral@yahoo.com.br  
thalmeida@usp.br  
Enviado em 18/11/2009  
Aceito em 30/11/2009